

**Cristo recrucificado no “Evangelho segundo Marcos”, de Jorge
Luis Borges**

Delzi Alves Laranjeira (UFMG)

Em uma série de palestras proferidas em *Harvard* entre 1967 e 1968, Borges (2000, p. 55) afirmou que a força da narrativa evangélica é tamanha que ele acreditava não ser possível recontá-la de forma melhor do que fizeram os evangelistas. Corroborando Borges, Miles (2002, p. 281) comenta que qualquer escritor tentado a reescrever a história de Jesus sente imediatamente as dimensões do desafio e da possibilidade de derrota. Tal possibilidade, no entanto, não pareceu desestimular Borges, que no conto “O evangelho de Marcos” elabora uma releitura peculiar do texto bíblico, apresentando ao leitor não o Jesus dos evangelhos, mas um protagonista que é imbuído de suas características e cuja morte revisita a cena da paixão de Cristo.

Em *Fictional transfigurations of Jesus*, Theodore Ziolkowski define diversas categorias literárias que abordam, sob algum aspecto, a figura de Jesus. O conto de Borges poderia ser incluído na elástica categoria que Ziolkowski (1972, p. 26) denomina “pseudônimos de Cristo”, que inclui qualquer história na qual o protagonista assemelha-se, não ao Jesus dito “histórico” narrado nos evangelhos, mas ao Cristo, ou seja, a “figura arquetípica do redentor” que vivencia o sofrimento e a morte.

O título do conto estabelece imediatamente a relação intertextual com a narrativa de Marcos, que exerce um papel central na história. Nela, uma série de atributos conecta Baltasar Espinosa a Jesus. Espinosa tem 33 anos de idade, a mesma com que Jesus foi crucificado, segundo a tradição. Além disso, ele é considerado um tipo comum, “como uno de tantos muchachos porteños” (BORGES,

1989, p. 446). Espinosa é também quase um médico — portanto, tem poder para curar pessoas, como Jesus o fazia. Possui também “la facultad oratoria” e gosta de ensinar. Seu primeiro nome, Baltasar, é uma referência a um dos magos que visitaram Jesus, como narrado no evangelho de Mateus e o segundo nome, Espinosa, remete, etimologicamente, a espinhos e, portanto, permite uma conexão com a coroa de espinhos usada por Jesus no ritual da Paixão. Não por acaso, a história se passa nos últimos dias de março, período usual da Quaresma e da Sexta-Feira Santa. Além disso, uma incessante chuva ecoa o dilúvio bíblico. Essa série contínua de referências bíblicas parece invocar um tempo circular, no qual coisas já acontecidas, ainda que transformadas, se repetem.

As conexões com o texto bíblico evidenciam outro aspecto do conto: que os ensinamentos religiosos suplantam os valores morais quando são aceitos sem questionamentos e erroneamente assimilados. É o que acontece com os Gutres, que interpretam tortuosa e literalmente o Evangelho de Marcos que Baltasar Espinosa pacientemente lê para a família após o jantar durante o tempo que permanece com eles. Os Gutres são descendentes de imigrantes escoceses e nativos e os preceitos do cristianismo não lhes são familiares. “Carecían de fe”, como atesta Espinosa, mas ainda perdurava um resquício de “fanatismo del calvinista” e das “supersticiones del pampa” (BORGES, 1989, p. 448). A história de Jesus narrada no “Evangelho de Marcos” deixa-os fascinados. Há, nessa passagem, toda uma referência à conversão efetuada pelo homem branco ao nativo, conversão que se torna deturpada pela desinterpretação da história evangélica pelos Gutres e suas trágicas conseqüências. O choque entre as duas culturas enfatiza as formas distintas de absorver a narrativa evangélica. Para Baltasar, a leitura do evangelho de Marcos é mais um exercício de tradução do que uma afirmação de fé. Já os Gutres

escuchan la historia evangélica y la traducen en términos de acto presente. Aislados por la inundación, en medio de una llanura que el espejo de aguas reduplica en su falta de referencias, en su pura extensión pre-cultural, los peones interpretan literalmente la pasión de Cristo y terminan crucificando al extranjero, un hombre de Buenos Aires, que les ha leído el evangelio no como mito que puede reactualizarse sino como relato cuya peripecia es, en sí misma, apasionante. Estas dos lecturas diferentes de un mismo texto, el evangelio de Marcos, funda el malentendido cultural y produce la resolución trágica que es, al mismo tiempo, una pobre representación en el límite entre la parodia y la barbarización del relato fundante de occidente (SARLO).

Devido, talvez, “às superstições dos pampas”, que aludem a resquícios de paganismo, os Gutres parecem não acreditar que o sacrifício de Jesus pela humanidade os incluía. Assim, recriam o seu próprio Cristo e o sacrificam. As similaridades entre Espinosa e Jesus (ambos têm barba, ambos têm o poder de curar, ambos são pessoas simples que se interessam em ajudar as outras pessoas) constituem o amálgama que funde Baltasar Espinosa e Cristo. E, sob a perspectiva truncada dos Gutres, Espinosa, como o Cristo dos Evangelhos, transforma-se no redentor que deve ser sacrificado para garantir a salvação de todos.

Antes de ser morto pelos Gutres, Espinosa passa por um ritual que repete os passos da paixão: pedem sua bênção, em seguida, ele é amaldiçoado, escarnecido e, por fim, crucificado. A moça que chora enquanto seus irmãos maltratam Baltazar evoca a presença de Maria, mãe de Jesus, e de outras mulheres como Madalena e Verônica. A crucificação de Espinosa, no entender dos Gutres, representa a salvação eterna, premissa que eles procuram garantir com a pergunta que lhe fazem: “Y también se salvaron los que le clavaron los cravos?” “Sí — replicó Espinosa, cuya teología era incierta” (BORGES, 1989, p. 449). Na perspectiva do conto, a religião é vista mais como uma maldição do que uma bênção, se seus seguidores adotam uma devoção cega e literal. Baltasar Espinosa percebe essa triste verdade quando, em sua tentativa um tanto ingênua de “educar” os Gutres, acaba por assumir o papel da história que narra.

A reconstrução da figura de Jesus em “O Evangelho segundo Marcos” evoca também uma característica importante na obra de Borges: a exploração do tema do eterno retorno. Em termos sucintos, o eterno retorno

es un tema mítico que constantemente regresa al pensamiento del hombre, a pesar que San Agustín, en el siglo V d. C. trató de eliminarlo de la cosmovisión occidental. Esta doctrina, es una forma de concebir el tiempo, el cual describiría la forma de un círculo, es decir continuamente pasaría por los mismos puntos (BLUM, p. 1).

Nos diversos ensaios em que abordou o tema, Borges identificou 3 modos de conceber o eterno retorno. No primeiro, derivado de Platão, o eterno retorno está relacionado com os ciclos planetários, que regem a vida dos homens. Assim, “al cabo de cada año platónico renacerán los mismos individuos y cumplirán el mismo destino” (BLUM, p. 7). O segundo modo, derivado de Nietzsche, postula que não é possível haver um número infinito de variações em um sistema, e que, portanto, em um dado momento as repetições acontecem. A terceira modalidade, que lhe pareceu mais “palatável” expressa a idéia dos ciclos similares, não idênticos (BLUM, p. 8). Nessa modalidade, Borges “deriva la idea que postula que la historia universal es la historia de un solo hombre” (BLUM, p. 7). Não é por acaso, portanto, que Borges menciona que a humanidade narra continuamente quatro histórias: a de uma cidade sitiada, o relato de um regresso, o relato de uma busca e o sacrifício de um deus. A identificação do protagonista com Jesus em “O evangelho segundo Marcos” reforça a noção de circularidade do tempo, inserindo o conto em uma estrutura mítica que narra continuamente a história de um homem/ deus cuja morte está a “serviço de um valor transcendental, um objetivo que valha a pena” (ZIOLKOWSKI, 1972, p. 27). São essas histórias que, como profetizado por Borges (1989, p. 506), “(d)urante el tiempo que nos queda seguiremos narrándolas, transformadas”.

Referências

BLUM, Andrea. *Mito del eterno retorno en seis textos de Borges*. Disponible en: <www.2.udec.cl/docliter/magister/blum.pdf>. Acceso en: 9 ago. 2008.

BORGES, J. L. *Obras completas*. Barcelona: Emecé, 1989.

_____. *Esse ofício do verso*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MILES, Jack. *Cristo: uma crise na vida de Deus*. Tradução de Ruy Jungerman. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARLO, Beatriz. *Introducción a El informe de Brodie*. Disponible en: <<http://www.borges.pitt.edu/bsol/bsbrodie.php>>. Acceso en: 9 ago. 2008.

ZIOLKWSKI, Theodore. *Fictional transfigurations of Jesus*. Princeton: Princeton University Press, 1972.